

Pierre Bourdieu: fortalecendo referenciais teóricos em metodologias ativas

Pierre Bourdieu: strengthening theoretical frameworks in active teaching-learning methodologies

Pierre Bourdieu: fortaleciendo referentes teóricos en metodologías activas

Edson Roberto Arpini Miguel¹

1 Doutor em Ciências - Ensino em Saúde pela UNICAMP. Professor Adjunto de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná

É curioso que possamos avaliar que as origens sociais dos estudantes, definam, na maioria das vezes, suas perspectivas educacionais e profissionais. Até 1950, a educação foi protagonista para a redução das desigualdades sociais, na expectativa de que o acesso (ensino fundamental) na Europa e na França, em especial, fariam este papel. Na década seguinte, o autor francês Pierre Felix Bourdieu (1930-2002) questiona esta abordagem rasa e amplia o olhar sobre estes fatores, criando conceitos a partir das vivências locais e de um olhar sociológico sobre a educação.

Embora tenhamos exaustivas tentativas de universalizar o acesso à educação no Brasil nas últimas décadas, a desigualdade social brasileira, considerada uma das maiores do mundo, tem influência direta sobre a entrada e permanência no sistema de ensino. Tanto isso é verdade que várias políticas públicas tentam, contra uma enorme resistência de parte da sociedade, implementar políticas de inclusão, instauradas nos países de primeiro mundo há mais de 50 anos.

Autor de Correspondência:

*Edson Roberto Arpini Miguel. E-mail: edarpini@gmail.com

Sob este aspecto, Bourdieu é conhecido por sua argumentação sobre o fato de que os grupos sociais instruídos usam o capital cultural como estratégia social de manutenção do *status* e respeito na sociedade, sendo estes os grupos profissionais ou de classes.

Não é diferente quanto aos processos e modelos pedagógicos apresentados ao longo dos anos, pois estes trazem um passivo social em sua implementação apontando para a uniformização do que é oferecido como proposta para aprendizado, não observando aspectos da individualização e necessidades de cada estudante, favorecendo os que ao entrarem no sistema, apresentam acúmulos previamente adquiridos de forma inata por sua origem social ou econômica, promovendo mais distanciamento e não favorecendo a inclusão.

Conhecidos os conceitos desenvolvidos por Bourdieu, vale ressaltar a importância da trajetória individual dos atores envolvidos na escolarização, com destaque para as influências exercidas pela origem social e acúmulo do que hoje chamaríamos de informação trazida pelos estudantes. Para Bourdieu, o termo capital, é comum ao campo econômico, porém, é estendido ao contexto cultural e social¹.

Outros conceitos para além do capital econômico, que dizem respeito aos recursos financeiros, sejam próprios via remuneração individual, como os salários ou como controlador de meio de produção, foram desenvolvidos pelo autor, porém, sem uma linearidade cronológica, o que permite sua utilização de forma mais ampliada. Assim, o capital social é o pertencimento a algum grupo social, conceito que é anterior, mas que recebe uma interpretação peculiar e específica, do autor. As relações são importantes para ascensão social como o grupo, quer seja familiar, escolar e de amigos, com um vocabulário próprio, como na família, por exemplo, que difere dos amigos, de outras atividades sociais, esportivas, entre outras.

O Capital Cultural define as singularidades das

pessoas quanto aos bens materiais, hábitos e preferências como roupas, livros, viagens e lazer, o que é diferente em cada classe. Nos meios acadêmicos tratamos com mais naturalidade, mesmo fora das ciências sociais, com a terminologia Capital Intelectual, nos parecendo mais tangível a forma como o sujeito é reconhecido por suas capacidades, habilidades e competências nos vários níveis. O quanto você conhece de algo, oriundo da informação transformada em conhecimento, pode ser visto como a sua capacidade de resolver problemas, por exemplo. Ou muito mais do que isso, a disponibilidade intelectual de enxergar cenários e situações que ninguém visualizou, uma singularidade de seu pensamento e da sua observação.

Quase tudo do que foi relatado é trazido de forma direta ou indireta no conceito de capital Simbólico, que permeia ou está acima de todas as definições estabelecidas e que, nos tempos da *cyber*-informação, domina o pensamento social midiático. É importante alertar que, por isso mesmo, o entendimento de novas práticas das relações sociais, econômicas. E, que sempre, o ensino e a educação têm papel relevante neste processo.

Sob esta perspectiva, em situações de desigualdade tão aguda como a que vivemos em grande parte do mundo, quem não possui capital econômico e social prévio, permeado por um capital social impregnado de estereótipos, poderá, nas universidades, adquirir capital intelectual para transformar sua realidade?

Nossa resposta é sim, existe esta possibilidade. Adquirir capital intelectual talvez seja a única forma de alcançar níveis de consciência e construção da cidadania, desprezados até então, para romper as amarras do capital simbólico trazido pelo aluno desde a sua formação como criança, adolescente ou adulto jovem. Mas as ações de políticas públicas e de novas perspectivas metodológicas no ensino devem ser instituídas.

Porém, porque isso não tem ocorrido de forma

sistemática no decorrer de décadas de crescimento do ensino superior e de algumas políticas bem sucedidas de inclusão?

Retornando ao autor de referência deste ensaio, reafirmamos que o argumento mais provável é de que a reprodução do modelo educacional e metodológico ocorre quando as classes sociais se perpetuam por meio da escola, pois esta passa a trabalhar e requerer saberes que são, comumente, da alçada de alunos das classes dominantes.

Observamos, também, que tem ocorrido um importante questionamento sobre o estigma da relação social trazida de fora da universidade e do *status* profissional vigente na sociedade, no caso do Brasil, focado nos conhecimentos divulgados pela mídia nas suas várias expressões e formas, sobre o Sistema Único de Saúde e conceitos de saúde coletiva de forma abrangente, sempre como uma medicina de pior qualidade e tecnicamente inferior.

Assim, graças a uma série de medidas e políticas públicas de ação nacional, nas últimas décadas nos cursos da área da saúde, as mudanças protagonizadas pelas metodologias ativas de ensino-aprendizagem, centradas no estudante como construtor de seus conhecimentos, mediados por metodologias específicas sob um planejamento institucional e mediação de professores, pode criar um espaço horizontalizado em relação ao papel desempenhado por seus atores: estudantes, tutores, professores, preceptores e finalmente para os futuros trabalhadores dos serviços de saúde.

Acrescenta-se também, a importância de revitalizar e valorizar muitos cenários de ensino-aprendizagem, de baixa ou alta complexidade como uma das formas de contextualizar os conteúdos ensinados inserindo os estudantes de forma gradativa no espaço social da área da saúde de forma progressiva e sob supervisão. Quando isso ocorre, possibilita-se que os estudantes possam dizer sobre o observado e o aprendido, modificando a forma “engessada” de apresentação

destes conteúdos programáticos relacionados aos sistemas de saúde e de saúde coletiva, em especial.

Neste lado está a grande importância da introdução de metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Trazendo um exemplo rápido, numa sala de aula com 40 alunos, onde o assunto é a realidade sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), as poucas experiências vividas na rede pelos estudantes, tornam aquele considerado com maior capital intelectual/simbólico, alguém que não se imagina naquele lugar, pois do alto de seu desconhecimento, até mesmo ignorância, existe uma semente de onipotência, bastante conhecida, em especial nas escolas de medicina.

Por outro lado, o estudante de menor poder aquisitivo, que já utilizou o sistema de saúde público, encolhe-se na cadeira, envergonhado por ter utilizado a rede, logicamente, reproduzindo um modelo de capital simbólico estereotipado pela mídia e pelo senso comum de que na rede de atenção em saúde, em especial na Atenção Primária em Saúde, que é acusada de inoperância, na qual tudo são carências e os profissionais são despreparados. No fundo, este estudante se imagina, futuramente, naquele local.

Quando esta discussão ocorre a partir da vivência local, utilizando metodologias centradas no estudante, tornam-se instrumentos de democratização do conhecimento e do saber, pois mediado pelo professor/tutor ou pelo preceptor cientes dos objetivos de aprendizagem daquela atividade, promovem a equalização e o equilíbrio da discussão nos quais todos os valores são expostos e permitem que o outro conheça e valorize por meio dos seus pares, os acúmulos individuais chegando às verdadeiras lacunas de conhecimento. Assim, promovem-se momentos de reflexão e de questionamentos, elevando o capital intelectual do grupo, dos indivíduos e desconstruindo um capital simbólico distorcido ou pouco favorável, no que tange ao Sistema Único de Saúde.

Correlacionando com a teoria de Bourdieu,

necessitamos entender e interpretar os seguintes resultados: a teoria é epistemológica, pois orienta uma maneira de pensar e ordenar o mundo de forma cuidadosa, mas não utiliza-se do positivismo para tal, além de fornecer formas substantivas para levar em conta as relações da educação com questões da reprodução social e os mecanismos em que a inclusão e exclusão são produzidas².

Outro aspecto consonante citado por Praxedes³ sob esta perspectiva da obra de Bourdieu, trata da questão dos professores, as suas avaliações e seu caráter de juízo de valores inclusos nos critérios de avaliação institucionais, muitas vezes considerados irrelevantes pelo modo violento e invasor do processo de aprendizagem que é a avaliação, ainda tratada de forma retilínea e punitiva.

De forma complementar, associamos os construtos apresentados por Zabala⁴, que desenha modelos pedagógicos estruturados que tornam mais específica a abordagem advinda da sociologia, aplicada ao campo do ensino-aprendizagem.

Este autor descreve dois eixos paralelos que compõem um modelo teórico/pedagógico. Um caminho utiliza como fontes a sociologia e a epistemologia, com a linha da função social culminando nas capacidades cognitivas, conteúdos e conceitos. Uma segunda linha que tem como fontes iniciais a psicologia e a didática, a partir de concepção pedagógica e critérios para o ensino buscando um modelo uniformizador e transmissivo. Ao final destas duas linhas construtivas está o modelo teórico que é descrito em várias experiências nacionais para a consolidação de cursos, projetos e disciplinas: com relações interativas, espaço e tempo, organização de conteúdos e critérios de avaliação.

Em nossas considerações finais gostaríamos de dizer que os objetivos deste ensaio visam estimular a busca por referenciais teóricos que mobilizem o pensamento acadêmico para além das atividades práticas e do fazer diário nas escolas, encontrando substrato para entendimento aprofundado das atividades de ensino e também, dos serviços. Há muito a ser estudado e explorado nas áreas do ensino em saúde, que certamente irá para além das teorias de aprendizagem, autores consolidados e, principalmente, aproximando nossas interpretações dos conceitos das ciências humanas e sociais.

AGRADECIMENTO

Prof. Dra. Adriana Lenita Albiero pelo trabalho de revisão do texto.

REFERÊNCIAS

1. Nogueira MA, Catani A (org.). Pierre Bourdieu escritos de educação. 16.ed. Petrópolis: Vozes; 2015.
2. Bourdieu P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1992.
3. Praxedes W. A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu. São Paulo: Edições Loyola; 2015.
4. Zabala A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed; 1998.